

RÉENCONTRO COM A PARAÍBA: UMA MENSAGEM DO TRIBUNAL SUPERIOR DO TRABALHO (*)

Conforta-me revisitar o destemido e altaneiro Estado da Paraíba, desta feita, pela primeira vez, como Presidente da mais alta Corte Trabalhista do meu País. E é justamente nessa terra de imensa tradição de bravura e de amor à Pátria e de grandes vultos de nossa história, desde o insigne Chefe indígena Piragibe, dos Tabajaras, a Vidal de Negreiros, de João Pessoa a José Américo de Almeida — que em épocas diversas e marcantes sempre granjearam o respeito e a admiração de todo o povo brasileiro por esta gloriosa porção do território nacional — que dou seqüência, já a menos da metade do término do meu mandato, ao ciclo de viagens que passei a empreender e que estou estendendo a todas as regiões em que se estrutura a Justiça do Trabalho no Brasil.

Nessa verdadeira maratona de veiculação da mensagem da atual administração do Tribunal Superior do Trabalho, tenho pregado, peregrinamente, os postulados sobre os quais, creio convictamente, repousam as imensas e graves responsabilidades atribuídas a todos quantos detêm parcela de poder — em momento particularíssimo vivido pela Nação, de nítidas transformações econômicas e sociais — notadamente os integrantes do Poder Judiciário, e neste, para maior preocupação e angústia de quantos militamos na efervescente seara dos litígios decorrentes das relações laborais, avulta com relevo, o Judiciário Trabalhista.

Das Cortes Trabalhistas do País muito espera toda a população. Principalmente os desvalidos, "os que são economicamente débeis" de que nos falava STEIN e aqueles aos quais têm sido negadas sistematicamente — pela própria perversidade e insensibilidade dos modelos econômicos vigentes que insistem em ignorar a dura e cruenta problemática social que nos cerca — as oportunidades de acesso aos bens da civilização é à comunhão nacional. Essa justa e ingente expectativa social leva-me sempre a recordar uma frase integrante de dedicatória feita por amigo dileto, em livro de sua autoria, e que repito agora, tal a intensidade da imagem que contém. Referia-se o citado amigo ao fato de que passei a presidir "o Tribunal dos que ainda têm esperança". Meditando sobre o real sentido dessa bela imagem adjetiva, concluo com apreensão que, aqueles que buscam com sofreguidão e fé a nossa prestação jurisdicional, são também — face à invariável com-

(*) *Pronunciamento do Ministro Marco Aurélio Prates de Macedo, por ocasião da visita oficial ao Tribunal Regional do Trabalho da 13.ª Região, em João Pessoa, PB, dia 17.5.90.*

ponente salarial subjacente em todas as questões submetidas ao nosso julgamento — os que estão socialmente marginalizados, os que têm fome e os que não devem ser transformados numa só perigosa e amorfa massa ou multidão de desesperados. Nem mesmo na vaga crespada, devastadora e incontrolável, capaz de deflagrar indesejáveis e impatrióticas convulsões sociais.

Minha visita a esta Região tem ainda um escopo inafastável, que é o próprio cerne da mensagem a que me referi e que pode ser sintetizado nas premissas de trabalho denodado e austero, que julgo ser a missão impenável da Corte que presido, neste quadro de graves responsabilidades sociais que recaem sobre os ombros do Poder Judiciário Trabalhista.

Essa premissa de trabalho constante e incansável que venho procurando espargir beneditinamente, compreende uma grande conjugação de esforços de todas as instâncias, no sentido de que as tarefas devam ser repartidas e suportadas pela Justiça do Trabalho como um só corpo, para o qual *convirjam todas as energias de seus componentes, como um só bloco monolítico, capaz de suportar as mais pesadas batalhas e as mais fustigantes intempéries.*

Essa é também a oportunidade ímpar de exteriorizar a minha palavra de fé e esperança no trabalho profícuo de nossas Cortes Trabalhistas que desejo unidas, pujantes e altivas, ágeis e competentes, serenas e equilibradas e, acima de tudo, eficazes. É esta, portanto, a mensagem de integração que vem sendo a palavra símbolo que divulgo e com a qual tenho procurado marcar a minha passagem pela honrosa, mas sacrificante e espinhosa direção do Colendo Tribunal Superior do Trabalho.

Minha visita oficial, de cordialidade, de apoio, de estímulo pessoal ao Egrégio Tribunal Regional do Trabalho da 13.ª Região, que conjuguei à minha honrosa participação no VI Encontro Nacional de Dirigentes Sindicais do Comércio Varejista que aqui se realiza, está impregnada também desse sentido de cooperação intensa e de interação ampla, que almejo ver imperando nas Cortes Trabalhistas de todas as instâncias. Essa é a atitude que julgo desejável e adequada à Justiça do Trabalho pois, creio firmemente, repito, que toda a coletividade muito espera de nós.

O advento de uma nova realidade constitucional, seguida da regularização institucional definitiva do Brasil, que indubitavelmente já ocorreu, por meio de eleições livres, diretas e democráticas, para a Suprema Magistratura do País, redobra a nossa fé e, ao mesmo tempo, duplica os nossos encargos. Posto que estão definitivamente traçados os caminhos de construção de uma nova ordem social, cabe à Justiça do Trabalho — muito mais enfaticamente do que em relação ao direito anterior — a tarefa de ser a Justiça estuária da prestação jurisdicional garantidora das conquistas e avanços

sociais insitos na Constituição de 1988, sobretudo mais relevantes na área dos direitos trabalhistas e de liderar um processo organizado de mudanças sociais, mediante uma prestação jurisdicional que resulte, mercê de seu poder normativo, em regulamentação social que efetivamente se estenda e se aplique à coletividade. Para essa missão, intransferível que nos cabe perfi-lhar, tenho alertado e exortado todos os integrantes da Justiça do Trabalho.

Por tais razões concito à participação todos os que labutam na esfera da Justiça do Trabalho, para essa jornada de realizações que nos espera e que nos desafia, visando transformar os reptos e as conquistas sociais ad-vindas da aplicação do novo direito positivo constitucional, em concreções perenes e consolidadas.

Esta é a mensagem construtiva e de fé em nossa qualificação profissio-nal e em nosso potencial, que deixo à reflexão dos dignos colegas, Juizes desta Corte, jovem, mas já muito produtiva e dedicada, que é o Tribunal Regional do Trabalho da 13.ª Região.

Na figura marcante, ilustre e solidária, de magistrado competente, do eminente Dr. GERALDO TEIXEIRA DE CARVALHO, que dirige com proficiên-cia a Corte Regional da Paraíba, saúdo todos os dignos Juizes que a inte-gram, os representantes do Ministério Público, os magistrados de primeira instância, os representantes patronais e de trabalhadores, os seus serventuários, enfim, todos os integrantes dessa operosa região componente de nossa estrutura orgânica agradecendo aos abnegados amigos e companhei-ros de trabalho da Paraíba e do Rio Grande do Norte que, tenho certeza, não faltarão com o seu apoio e o seu incentivo, na trajetória que me resta cum-prir à frente dos destinos do Tribunal Superior do Trabalho.

Estou particularmente feliz e satisfeito pela oportunidade de estar no-vamente em terras paraibanas, — de tantas e tão marcantes tradições de luta e de resistência aos dominadores de quaisquer épocas, pela coragem, fé e persistência de seus filhos, rincão dos mais memoráveis movimentos de libertação e de nacionalismo, dos quais seu povo jamais esteve ausente — e, sobretudo recompensado, nessa visita marcante a João Pessoa, pelo pri-vilégio de ter convivido com os companheiros deste TRT. Agradeço-lhes, sensibilizado e comovido, o afeto de que fui alvo, ao transformarem este momento de convivência fraterna e esta visita, em jornada inolvidável, antecipando a saudade, este sentimento paradoxal que um poeta um dia cha-mou de "um sorriso de tristeza, um soluço de alegria".

A iminente partida já me entristece!

Ao despedir-me desta abençoada porção da Pátria, neste constante ir-e-vir que simboliza a própria angústia do homem no tempo, na fascinante e formidável aventura da existência, minha volta à Paraíba e a João Pessoa e

o reencontro neste Tribunal com tantos e tão bons amigos de outras jornadas, me permite utilizar uma figura poética que o meu grande co-estadua-
no MÁRIO QUINTANA conseguiu captar e cantar em lindos versos, que relembro neste instante de agradecimento e despedida:

"Cheguei a concha da orelha à concha do caracol.
Escutei vozes amadas que eu julgava eternamente perdidas..."

Espero voltar muitas vezes à Paraíba!